

Patrimônio Cultural da USP São Carlos: identificação e interpretação por meio da Educação Patrimonial

André Frota Contreras Faraco¹
Simone Helena Tanoue Vizioli²

USP São Carlos Cultural Heritage: identification and interpretation through Heritage Education

Patrimonio Cultural de la USP São Carlos: identificación y interpretación a través de la Educación Patrimonial

Resumo

Este artigo apresenta uma ação de Educação Patrimonial realizada com um grupo de universitários do campus USP São Carlos no 2º semestre de 2021. O objetivo da ação foi realizar um processo educativo que oportunizasse aos alunos a desnaturalização do território da universidade sob a perspectiva do Patrimônio Cultural, de forma a identificá-lo, interpretá-lo e representá-lo. A ação ocorreu em 3 etapas: 1) mobilização das experiências e vivências dos alunos; 2) entrecruzamento dessas experiências com os conhecimentos do campo do Patrimônio Cultural e da representação e linguagem; 3) sistematização do conhecimento em um Inventário Participativo. Espera-se lançar luz sobre o Patrimônio Cultural dos universitários, além de consolidar o referencial teórico-conceitual utilizado como referência, as estratégias de ação e ferramentas utilizadas.

Palavras-chave: Educação patrimonial; Patrimônio cultural; USP São Carlos.

1 Mestrado no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Doutorando no IAU-USP. E-mail: frotafaraco@usp.br

2 Doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Professora Doutora no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). E-mail: simonehtv@usp.br

Abstract

This article presents a Heritage Education action with a group of university students from the USP São Carlos campus in the 2nd semester of 2021. The objective was to carry out an educational process that would allow students to denaturalize the university's territory from the perspective of Cultural Heritage, in order to identify, interpret and represent it. The action happened in 3 stages: 1) mobilization of students' experiences; 2) the intersection of these experiences with the knowledge of the field of Cultural Heritage and representation and language; 3) systematization in a Participatory Inventory. It is expected to show the Cultural Heritage of university, in addition to consolidating the theoretical-conceptual framework used as a reference, the action strategies and tools used.

Keywords: *Heritage education; Cultural heritage; USP São Carlos.*

Resumen

Este artículo presenta una acción de Educación Patrimonial realizada con un grupo de estudiantes universitarios de USP São Carlos en el 2º semestre de 2021. El objetivo fue realizar un proceso educativo que permitiera a los estudiantes desnaturalizar el territorio universitario de la perspectiva del Patrimonio Cultural, con el fin de identificarlo, interpretarlo y representarlo. La acción se desarrolló en 3 etapas: 1) movilización de las experiencias de los estudiantes; 2) la intersección de estas experiencias con los saberes del campo del Patrimonio Cultural y la representación y el lenguaje; 3) sistematización de conocimientos. Se espera mostrar el Patrimonio Cultural de los estudiantes, además de consolidar el marco teórico-conceptual utilizado como referencia, las estrategias de acción y las herramientas utilizadas.

Palabras clave: *Educación patrimonial; Patrimonio cultural; USP São Carlos.*

Introdução

Este trabalho apresenta a experiência de uma ação de Educação Patrimonial com um grupo de alunos de graduação do campus USP São Carlos, realizada no contexto da disciplina optativa, oferecida no segundo semestre de 2021, denominada *Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária em São Carlos (IAU2109 – 2ºS/2021)*³.

O objetivo da ação foi realizar um processo educativo em que o Patrimônio Cultural fosse um recurso para a compreensão sócio-histórica da trajetória universitária dos alunos, considerando-os protagonistas do processo. E também oportunizar aos alunos que realizassem a leitura e a interpretação do território do qual a universidade faz parte, sob a perspectiva do Patrimônio Cultural, de forma a identificar, interpretar e representar as referências culturais que se manifestam nele: os lugares, as práticas, as habilidades, os costumes, as crenças e os valores da vida cotidiana dos universitários – ou seja, aquilo que é portador de referência à ação, à memória, à identidade dos universitários do campus USP São Carlos e constitui o Patrimônio Cultural universitário. Dessa forma, os educandos foram autonomizados para que se reconheçam como produtores culturais, detentores das suas próprias referências culturais e do seu próprio Patrimônio Cultural.

As referências culturais constituem a forma com que os grupos sociais relacionam o Patrimônio Cultural a uma representação coletiva a que cada membro do grupo, de algum modo, se identifica (LONDRES, 2000). São as práticas e os objetos por meio dos quais os grupos representam a sua identidade e localizam a sua territorialidade (ARANTES, 2009). E os instrumentos para

3 A disciplina faz parte da pesquisa de Mestrado *Educação Patrimonial: processo participativo de identificação de referências culturais dos universitários do campus USP São Carlos*, que, por envolver seres humanos, desenvolveu-se com o cumprimento rigoroso de todos os protocolos éticos, a partir da autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (CEP EACH USP). Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) para identificação do projeto de pesquisa: 47810521.7.0000.5390.

identificação, reconhecimento e promoção de bens culturais – inventários, registros e tombamentos – são, sempre, dispositivos de construção de uma representação (NOGUEIRA, 2014).

Convém explicitar que o conceito de referência cultural, que foi introduzido no Brasil na década de 1970 especialmente a partir do trabalho de Aloísio Magalhães, no Centro Nacional de Referências Culturais (CNRC), e a busca por ampliar o rol patrimonial brasileiro de forma que fosse mais representativo dos diversos grupos formadores do país, abarcando a pluralidade e diversidade cultural, faz parte de um processo de alargamento do entendimento do que é Patrimônio Cultural, que se desloca: da ideia um patrimônio monumental – testemunho de um passado conformador da nação, muito atrelado ao patrimônio histórico, arquitetônico e artístico consagrado; para um patrimônio cultural do cotidiano, que tem como referência a experiência pessoal e coletiva dos diversos grupos sociais em suas vidas cotidianas – em que o patrimônio é concebido como instrumento de constituição de subjetividades individuais e coletivas, e está atrelado aos objetos, aos espaços e às atividades usados e praticados pelos grupos sociais em suas vidas cotidianas (GONÇALVES, 2002).

Diferentemente de um patrimônio monumental, cuja característica é transcender o tempo, o patrimônio do cotidiano é marcado pela transitoriedade. O patrimônio do cotidiano está presente em uma rede atual e viva de relações entre grupos sociais (GONÇALVES, 2002). Por isso, a abordagem no campo do Patrimônio Cultural a partir da noção de referência cultural consiste em:

[...] identificar, na dinâmica social em que se inserem os bens e práticas culturais, sentidos e valores vivos, marcos e vivências e experiências que conformam uma cultura para os sujeitos que com ela se identificam. Valores e sentidos esses que estão sendo constantemente produzidos e reelaborados (FONSECA, 2001, p. 119).

Nesse sentido, reforça-se que o Patrimônio não é apenas um objeto, tangível ou intangível, “e sim um desempenho ou processo cultural relacionado à ne-

gociação, criação e re-criação de memórias, valores e significados culturais” (SMITH, 2011, p. 40).

O patrimônio é uma experiência, e como representação social e cultural é algo em que as pessoas se envolvem ativamente. Pode incluir não só representações ativas de lembrança, [...] mas também representações ativas de esquecimento [...]. O patrimônio também é um processo de comunicação, transmissão e atualização de conhecimentos e ideias; consiste em afirmar e expressar a identidade, e recriar valores e significados sociais e culturais que sustentam tudo isso (SMITH, 2011, p. 60, tradução nossa).

Entender o Patrimônio Cultural como processo é fundamental porque o receptor da herança cultural adiciona à memória do grupo a sua própria experiência, reformatando a informação recebida para devolvê-la ao composto, transformando o patrimônio em objeto informacional, viabilizando a sua preservação. Assim, o Patrimônio deve ser apreendido como um valor agregado de informações sobre o objeto – seja ele de natureza material ou imaterial (DODEBEI, 2006).

Ferrara (1997) explica que todo sistema sócio-histórico-cultural tem como elemento de comunicação um modo de representação, uma estrutura informacional que não é exclusivamente verbal, mas que é altamente eficiente para a comunicação humana:

Toda representação é uma imagem [...], toda representação é gesto que codifica o universo, daí se infere que o objeto mais presente e, ao mesmo tempo, mais exigente de todo processo de comunicação é o próprio universo, o próprio real. Dessa presença decorre sua exigência, porque este objeto não pode ser exaurido, visto que todo processo de comunicação é, se não imperfeito, certamente parcial. Assim, corrigindo, toda codificação é representação parcial do universo, embora conserve sempre, no horizonte da sua expectativa, o desejo de esgotá-lo (FERRARA, 1997, p. 7).

É por essa parcialidade e expectativa que há o interesse da ação interpretante, que é uma relação entre uma representação presente e outras representações possíveis (FERRARA, 1997). De acordo com Scifoni (2019), a chave de inter-

pretação do Patrimônio Cultural é a noção de referência cultural, porque é essa que fornece um caminho analítico para desvendar os bens culturais que fazem parte da existência dos grupos sociais. Para a interpretação do Patrimônio Cultural, é imprescindível o desenvolvimento de ações participativas e de interlocução com os grupos sociais, de forma a descobrir a relação existencial entre a cultura e o grupo (SCIFONI, 2019).

Nesse sentido, os processos de Educação Patrimonial democráticos e dialógicos, que oportunizem aos participantes a assunção deles como sujeitos ativos da própria trajetória sócio-histórica e dos bens culturais que a representa e dos quais são detentores, constituem uma ação participativa e de interlocução, desde que sejam uma oportunidade de todos os participantes se colocarem, proporem, gerirem as referências culturais que lhes representam (DEMARCHI, 2020). Assim, as práticas de Educação Patrimonial são os processos educativos com o objetivo de identificar as referências culturais e construir conhecimentos sobre elas, e a construção de Inventários Participativos tem se consolidado como ferramenta importante para a Educação Patrimonial, como um modo de sistematizar e organizar o conhecimento construído no processo (FLORÊNCIO, 2019).

Dessa maneira, a partir de Demarchi (2020), Dodebei (2006), Gonçalves (2002), Ferrara (1997), Florêncio (2019), Fonseca (2001), Smith (2011) e Scifoni (2019) defende-se a Educação Patrimonial como processo educativo para identificar o Patrimônio Cultural como experiência, como representação social e cultural, ou seja, para interpretá-lo. E que o Inventário Participativo, como dispositivo de representação, reforça a condição do patrimônio como objeto informacional, por consistir-se em uma forma de comunicar e transmitir o conhecimento construído ao longo do processo educativo.

Assim, a ação de Educação Patrimonial a ser apresentada neste artigo constituiu-se em um processo educativo desenvolvido em doze (12) encontros síncronos via Google Meet, no 2º semestre de 2021, distribuídos em três (3) etapas: na Etapa 1 foram mobilizados os conhecimentos que os alunos pos-

suem sobre as experiências sociais que vivenciam e cultivam na condição de universitários da USP; na Etapa 2 foram entrecruzados os conhecimentos dos alunos com conhecimentos conceituais do campo do Patrimônio Cultural e da representação e linguagem, oportunizando a construção coletiva de conhecimentos; na Etapa 3, os conhecimentos construídos coletivamente foram sistematizados e organizados por meio de recursos audiovisuais compondo Inventário Participativo de referências culturais dos universitários de São Carlos, SP. O Inventário foi disponibilizado em plataforma digital de acesso livre, na rede social Instagram (FARACO; VIZIOLI, 2022).

Espera-se lançar luz sobre o Patrimônio Cultural universitário da USP São Carlos, que faz parte e deve compor o rol de bens culturais da universidade – os edifícios, os monumentos, os acervos e as coleções e as referências culturais –, de acordo com a Carta do Patrimônio Cultural da Universidade de São Paulo (CPC, s.d.). Pretende-se, também, consolidar o referencial teórico-conceitual mobilizado, bem como as estratégias de ação utilizadas (ação em 3 etapas, problematização e desnaturalização do cotidiano, mobilização de múltiplas linguagens verbais e não-verbais – linguagem oral, escrita e falada, desenho à mão, desenho digital, colagem, fotografia e outros recursos audiovisuais) e as ferramentas utilizadas (o Google Meet como plataforma de encontro síncrono e o Inventário Participativo – no processo educativo, na identificação, na interpretação e na construção de representação do Patrimônio Cultural), e, conseqüentemente, contribuir com o campo da Educação Patrimonial.

USP São Carlos: os universitários e a importância da universidade no município

O município de São Carlos está localizado no interior do estado de São Paulo e foi fundado em 1857, no contexto da expansão da lavoura cafeeira no sentido oeste do estado, nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. O enriquecimento dos fazendeiros de café implicou no investimento em

infraestrutura urbana e na criação de condições para a industrialização a partir dos anos 1920. Nas décadas seguintes, a indústria já se consolidou como principal atividade econômica. A partir dos anos 1950, houve a instalação de unidades de produção de grandes empresas multinacionais, como Volkswagen, Faber-Castell e Electrolux (SÃO CARLOS, 2022).

São Carlos recebeu um impulso para o desenvolvimento tecnológico, científico e educacional com a criação da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), unidade da Universidade de São Paulo (USP), em 1953. Em 1970, foi inaugurado o primeiro campus da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); em 1972, foi criado o Centro Universitário Central Paulista (UNICEP); e em 1984 foi inaugurada uma unidade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

A Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) deu origem à USP São Carlos, que possui duas áreas e é formada pelas seguintes unidades de ensino: Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU), Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC), Instituto de Física de São Carlos (IFSC) e Instituto de Química de São Carlos (IQSC). Em 2022, a USP São Carlos conta com 5.121 alunos de graduação, 4.058 alunos de pós-graduação, 499 docentes, 1.030 funcionários técnicos e administrativos (PORTAL USP-SÃO CARLOS, 2022). O Campus São Carlos da UFSCar conta com aproximadamente 10 mil alunos de graduação e pós-graduação, 1.000 docentes e 800 servidores técnico-administrativos (UFSCAR, 2022). Isso significa que, somados os números, a USP e a UFSCar contam com quase 20.000 alunos, 1.499 docentes e 1.830 servidores técnico-administrativos.

Todos os anos chegam mais de 2.800 novos estudantes universitários a São Carlos, provenientes de todas as partes do Brasil e até mesmo de outros países. Eles são atraídos justamente pela qualidade das duas universidades públicas do município, a USP e a UFSCar, que estão entre as 10 melhores universidades do país, conferindo ao município o status de polo universitário e o título de capital da tecnologia (UNIVERSITÁRIOS..., 2018).

Dados de 2021 registraram que, de uma amostra de 1.959 estudantes de graduação e pós-graduação do Campus USP São Carlos, somente 428 (21,8%) já eram residentes locais. Outros 1.116 (57%) residiam em outros municípios do estado, e outros 415 (21,2%) vieram de outros estados (estados das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e demais estados do Sudeste) (DIRETÓRIO, 2021).

A vida universitária proporcionada no município é um fator atraente aos calouros e universitários de outras regiões. A Taça Universitária de São Carlos – TUSCA é um torneio universitário que ocorre em São Carlos anualmente, organizado pela Associação Atlética Acadêmica da UFSCar e pela Associação Atlética Acadêmica Campus de São Carlos USP. É considerada a maior festa universitária do Brasil. Na sua 40ª edição, realizada entre os dias 14 e 17 de novembro de 2019, atraiu 30 mil pessoas por dia. Durante o evento, estima-se que, em uma campanha beneficente promovida pela organização, tenham sido arrecadadas 25 toneladas de alimentos não perecíveis que foram doados para famílias carentes (COM JOGOS..., 2019).

A presença dos universitários no município tem ainda um peso significativo para a economia local. A Associação Comercial e Industrial de São Carlos (ACISC) estima que os estudantes universitários gastam em média 20 milhões de reais por mês no município, principalmente com moradia, alimentação, comércio e prestação de serviços (ESTUDANTES..., 2020). A celebração da TUSCA tem um papel importante na economia local. A edição de 2019 movimentou 20 milhões de reais, uma vez que, além da compra de ingressos, os estudantes universitários de outras regiões gastam com deslocamento, alimentação e hospedagem (COM JOGOS..., 2019).

Sendo assim, é incontestável não só a importância da universidade no município, mas também a importância dos universitários como um grupo formador da sociedade são-carlense. Grupo heterogêneo (uma vez que provém de diversas regiões do estado e do país), o que torna ainda mais complexas as práticas culturais dos estudantes, pois são mantidos os legados que as gera-

ções de universitários construíram ao longo da história da universidade, mas esses legados são constantemente atualizados, recriados e ressignificados. Por isso, justifica-se a realização de uma ação de Educação Patrimonial com um grupo de alunos de graduação do campus USP São Carlos, de forma a identificar, interpretar e representar aquilo que é portador de referência à ação, à memória e à identidade dos universitários.

Patrimônio Cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária em São Carlos

Participaram da ação vinte (20) alunos que se matricularam voluntariamente na disciplina, sendo dezoito (18) graduandos do curso de Arquitetura e Urbanismo, um (1) graduando do curso de Engenharia Civil e um (1) graduando do curso de Bacharelado em Química. Todos eles ingressaram na universidade entre 2016 e 2019. A faixa etária dos alunos é entre 20 e 27 anos. A ação teve início em 17 de agosto de 2021 – 17º mês de aulas remotas em decorrência da pandemia COVID-19 – e se encerrou em 23 de novembro de 2021 – 20º mês.

Educar “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 25). Por isso, em todos os encontros utilizou-se a metodologia ativa, em que o educando é o sujeito do processo, com mediação realizada a partir da problematização e reflexão.

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos –, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada (FREIRE, 2019, p. 116).

O processo educativo foi desenvolvido em três (3) etapas. Etapa 1 - Mobilização dos conhecimentos, experiências e vivências dos alunos, a fim de se estabelecer a visão de mundo dos educandos e o universo temático dos universitários. Etapa 2 - Construção dialógica e coletiva do conhecimento, em que

o universo temático foi devolvido aos educandos como problema, relacionando-o aos conhecimentos teóricos e práticos já sistematizados pela ciência, a fim de exercer uma reflexão crítica sobre a realidade. Etapa 3 - Organização e sistematização do conhecimento construído e finalização do processo, para que os educandos pudessem teorizar o seu universo e suas práticas culturais, comunicando-as (FARACO, 2022).

Etapa 1 – Mobilização dos conhecimentos, experiências e vivências dos alunos

No 1º encontro, visando à mobilização dos conhecimentos dos alunos participantes, os docentes propuseram uma atividade aos alunos para que eles refletissem sobre a vida deles como universitários do campus USP São Carlos: os hábitos, as experiências, as relações, os lugares que frequentam. A partir disso, as reflexões propostas foram: um lugar importante; um elemento da natureza que fosse representativo; uma celebração ou festa a qual participa; uma forma de expressão ou de comunicação que utiliza; uma manifestação social e/ou artística a qual pratica. Enfim, o cotidiano dos alunos como universitários do campus USP São Carlos foi problematizado e desnaturalizado. Foi solicitado que cada aluno, individualmente, selecionasse uma imagem para representar cada reflexão e elaborasse uma descrição objetiva para cada imagem, evidenciando o porquê da escolha e qual é a importância do que foi escolhido.

O uso da imagem foi proposto, primeiro, porque a memória coletiva sofreu grandes transformações durante o século XX, e, desde então, a pesquisa e a salvaguarda da memória passaram a ser buscadas não mais nos acontecimentos específicos, mas ao longo do tempo; e não mais apenas em registros verbais, mas também nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas (LE GOFF, 1990). Segundo, pois as imagens possuem aura – que pode ser entendida como um atributo visual que parte de um objeto/imagem e faz com que se relacione com o observador, não de forma indiferente e estanque. Essa aura é fruto de uma conexão com o passado, com a memória, que vai além do

momento presente; uma trama de significados invisíveis que são revividos e ressignificados pelo ato do olhar. As possíveis interpretações de uma imagem são infinitas e influenciadas pelo desejo, memória, olhar e distância do observador, que a relaciona à bagagem de símbolos que carrega consigo: sua visão de mundo que influencia sua percepção e experiência frente a qualquer estímulo (BENJAMIN, 2012). E, terceiro, porque é preciso romper com a opacidade, com o hábito do cotidiano, e surpreender-se com ele. Mas para isso, é necessário um instrumento de comunicação menos habitual do que a palavra, isso porque o cotidiano é onde está diluído um texto não verbal, porque a atuação de hábitos em um determinado ambiente torna-os imperceptíveis, homogêneos. Para fazer a leitura, é preciso contextualizar, observar e comparar (FERRARA, 1997). Como estratégias, Ferrara (1997) defende, primeiro, que seja feito o levantamento da memória, e, em paralelo, é necessário:

[...] proceder a uma informação múltipla através do uso de técnicas que operam intercódigos: as gravações, as fotografias, os vídeos, as montagens visuais de fotos ou *slides*, os desenhos ou croquis são elementos que devem ser usados para aguçar a observação [...]. Essas técnicas permitem captar instantes exemplares, segurar a informação, para que seja possível superar ou controlar o movimento e a dinâmica que faz os ambientes serem passageiros ou mutáveis (FERRARA, 1997, p. 35).

Mas a leitura não verbal se concretiza com a linguagem verbal, uma vez que esse produto só se manifesta “porque sua consistência, sua convicção alicerçam-se numa lógica argumentativa que é característica e distinção da linguagem verbal” (FERRARA, 1997, p. 36). Por isso a proposição aos alunos de elaborar uma descrição para cada imagem.

No 2º encontro, cada aluno apresentou o seu material (Figuras 1 e 2). As formas de representação por imagem variaram, sendo utilizadas: desenho à mão livre, desenho digital, colagem e fotografia. Quanto às descrições, alguns optaram por legendas e outros por somente descrever oralmente. Os alunos não foram meros espectadores e, de forma espontânea, teceram comentários sobre a apresentação do outro, uma vez que eles se reconheceram nas represen-

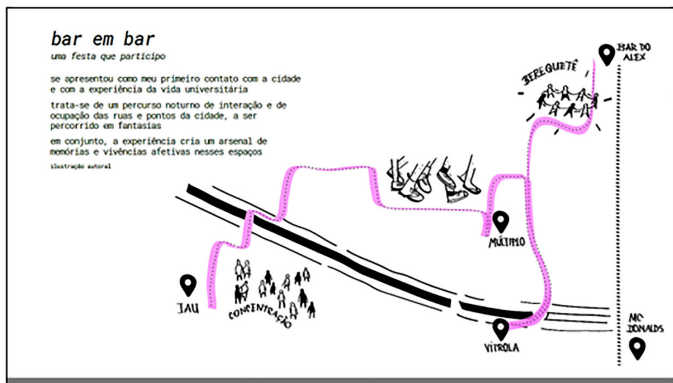
tações trazidas, o que denota a importância do que estava sendo representado como prática cultural dos universitários.

Figura 1 – Apresentação elaborada por aluno.



Fonte: FARACO, 2022.

Figura 2 – Apresentação elaborada por aluno.



Fonte: FARACO, 2022.

Etapa 2 – Construção dialógica e coletiva do conhecimento

No 3º encontro, houve uma aula em que foram mobilizados os conhecimentos dos alunos sobre o campo do Patrimônio Cultural. Para isso, os docentes pro-

puseram problematizações e reflexões. Estabeleceu-se a trajetória conceitual do campo e foi construído o entendimento conceitual de Patrimônio Cultural – como aquilo que é portador de referência à ação, à identidade e à memória – e a noção de referência cultural.

Foram retomadas as reflexões da Etapa 1, de forma a oportunizar o reconhecimento por parte dos alunos de que, o que eles trouxeram naquelas representações que apresentaram em sala, constitui as referências culturais da vida deles como universitários da USP São Carlos, e as práticas e os suportes materiais trazidos por eles nessas representações podem ser entendidos como Patrimônio Cultural porque são portadores de referência à ação, à identidade e à memória deles como universitários. Aquelas representações somadas às descrições constituem em um gesto de interpretação da realidade, do seu Patrimônio Cultural.

Da mesma forma que opera a valoração dos bens culturais – que é resultado, sempre, de uma seleção – a imagem elaborada pelos alunos como representação das referências culturais é uma consequência da operação de seleção das características que se quis evidenciar. Por isso, o processo de interpretação por imagem elaborada pelos alunos contribui para a seleção, identificação e registro tanto do Patrimônio Cultural quanto dos valores atribuídos a esse patrimônio, os seus sentidos e significados (NITO *et al.*, 2022).

Ainda na Etapa 2, no 4º encontro, desenvolveu-se uma aula sobre a construção de um Inventário Participativo como dispositivo de representação do Patrimônio Cultural como instrumento de organização, sistematização e comunicação. Construiu-se o entendimento de que o Inventário deve contemplar informações sobre as experiências e os conhecimentos das pessoas envolvidas com as referências culturais inventariadas, de forma a comunicar e transmitir esse Patrimônio.

A partir disso, os docentes propuseram a Atividade 02, baseada nas orientações da publicação *Educação Patrimonial: inventários participativos*, de 2016.

Os docentes organizaram as referências culturais representadas pelos alunos na Atividade 01, de acordo com as categorias do Inventário Participativo: categoria saber, categoria celebrações, categoria formas de expressão, categoria lugares (abrangendo o município de São Carlos) e categoria lugares (abrangendo o campus USP São Carlos) (Quadro 1).

Quadro 1 – Referências culturais identificadas pelos alunos da Atividade 01.

Categoria "saber"	1) Escrita e desenho nas paredes dos ateliês do IAU; 2) manifestações em defesa da universidade; 3) desenhar; 4) apresentação de trabalhos acadêmicos; 5) intervenções artísticas e/ou temporárias no IAU; 6) Semana da Arquitetura e Urbanismo (SEMANAUI); 7) realização de assembleias; 8) desfile – atividade que era realizada no primeiro ano da graduação na disciplina de Projeto; 9) Mostra dos trabalhos de graduação do IAU (M.IAU); 10) atividades de extensão com comunidades.
Categoria "celebrações"	1) Festas em repúblicas universitárias; 2) Festa TO ATOA; 3) Festas universitárias em geral; 4) Festa Bar em Bar; 5) Festas no palquinho – anfiteatro a céu aberto do campus; 6) Pizzada; 7) Taça Universitária de São Carlos (TUSCA); 8) Noites de jogos de mesa; 9) "Domingou", que é a reunião dos alunos em suas repúblicas no domingo à tarde; 10) Quinta Musical.
Categoria "formas de expressão"	1) As atividades que relacionam corpo e arquitetura; 2) o diálogo entre aluno e professor; 3) Google Meet; 4) Centro de Voluntariado Universitário de São Carlos; 5) Dança; 6) Humor; 7) Mangá; 8) Fotografia; 9) Desenhar; 10) Pegar água na pós – hábito dos alunos da graduação que optam por buscar água no bebedouro do edifício da pós-graduação com o objetivo de terem mais tempo para conversar no período da aula; 11) Whatsapp; 12) Tattos – tatuagens instantâneas com representações individuais, identitárias e políticas que são utilizadas pelos alunos em eventos universitários e celebrações; 13) Coletes – utilizados pelos alunos em eventos e celebrações, servem para identificação de república onde moram ou de instituição universitária que fazem parte; 14) Spotted – que consiste em um mural no Facebook que os alunos utilizam para troca de informações sobre prestação de serviços, sobre vendas, sobre as atividades universitárias, para socialização e para flertes.
Categoria "lugares" (São Carlos)	1) Córrego do Gregório; 2) Rodoviária; 3) Japa Açá; 4) Kamzu Café; 5) Feira que ocorre no Parque do Kartódromo; 6) Feirinhas nas praças da cidade; 7) Casa de Repouso Cantinho Fraternal; 8) Natureza – o céu, o arco-íris, as maritacas.
Categoria "lugares" (campus USP)	1) Ateliês do IAU; 2) IAU; 3) Laboratório de estruturas da Engenharia Civil; 4) "Postão", espaço do edifício do IAU; 5) Corredores do IAU; 6) Instituto de Química de São Carlos; 7) "Uspão", letreiro da USP localizado em um grande talude do campus com vista para a cidade, próximo ao cruzamento da Avenida do Trabalhador São-carlense com a Avenida Francisco Pereira Lopes; 8) "gramadão", área gramada defronte aos ateliês do IAU; 9) as árvores do campus; 10) Pão de Queijo Mineiro – restaurante e café; 11) "Bandeirão" – restaurante universitário.

Fonte: FARACO, 2022.

Assim, os vinte (20) alunos foram organizados em cinco (5) grupos de quatro (4) pessoas. Cada grupo escolheu uma categoria para elaborar um Inventário Participativo. As categorias foram tratadas como eixos temáticos, de forma que os alunos não precisassem selecionar apenas um bem cultural para inventariar, mas poderiam abarcar mais de um, desde que se entrecruzassem e estivessem no mesmo eixo. Foi apresentado o roteiro da publicação *Educação Patrimonial: inventários participativos*, com a finalidade de que os alunos iniciassem a elaboração do Inventário. Nesse primeiro momento, na Atividade 02, solicitou-se que os grupos fizessem os registros por escrito, com a coleta de informações complementares via pesquisa e levantamento de fotografias nos acervos pessoais deles. Isso se justifica porque nos encontros posteriores foram propostas problematizações e reflexões a respeito do uso de múltiplas linguagens para representação na construção do Inventário.

O Grupo 01 escolheu trabalhar na categoria Lugar, e abranger a rodoviária, o Japa Açai e a feira que ocorre no Parque do Kartódromo, relacionando-os ao campus da USP. O Grupo 02 escolheu trabalhar na categoria Celebrações, abrangendo algumas festas universitárias: a festa no Palquinho – que recebe este nome por ocorrer em um anfiteatro com palco a céu aberto no campus –, a festa Bar em Bar – que ocorre na recepção dos calouros, e consiste em realizar um trajeto com paradas pelos vários bares da cidade –, as festas em repúblicas de estudantes, as festas em casas noturnas e a TUSCA. O Grupo 03 escolheu trabalhar na categoria Saber, abordando a prática da escrita e do desenho nas paredes do IAU. O Grupo 04 escolheu a categoria Forma de expressão, e trabalhar com a prática do desenho, especialmente o Caderno de Desenho produzido no primeiro ano de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Por fim, o Grupo 05 escolheu trabalhar na categoria Lugar, contemplando o campus e, especificamente, o espaço do IAU.

Seguindo na Etapa 2, no 5º encontro, construiu-se de forma coletiva o entendimento de que o desenho é uma ferramenta de acesso à percepção, um meio de

comunicação e de expressão, um tipo de comunicação para além da linguagem verbal, e que carrega sentimentos, intenções, afetos, memórias e experiências – portanto, desenhar também pode ser um gesto interpretativo da realidade.

O desenho é um suporte linguístico – uma vez que é suporte material para uma comunicação – utilizado para a explicação de um mundo de fenômenos e pode ter incontáveis resultados, de acordo com a finalidade. É uma linguagem de representação importante porque é sempre o resultado de uma multiplicidade de escolhas – em que aquele que desenha evidencia algumas características do objeto desenhado e omite outras –, uma vez que o desenho é sempre uma interpretação, uma forma de tentar explicar a realidade. Por isso, o desenho, além de um resultado, também é um processo, uma vez que é uma forma de pensar e de se comunicar (MASSIRONI, 1982).

Desenhar é sair do lugar-comum. O desenho cria raízes, está do lado da permanência. O traço do desenho é mediativo e toca as pessoas, retira-as do anonimato e insere-as na condição de testemunhas e cúmplices da veracidade do desenho (CAFFÉ, 2009).

No 6º encontro, desenvolveu-se uma aula sobre percepção, arquitetura e suas representações. Construiu-se de forma coletiva o entendimento de que os espaços que ocupamos, os lugares que vivemos, são extensões do corpo e abrigo – não apenas para o corpo, mas também para a memória, a identidade e a mente.

Para Ferrara (1999), o espaço urbano é uma estrutura de linguagem que se manifesta por meio de sua representação polissensorial: visual, olfativa, tátil, sonora, cinética. E essa estrutura constitui-se em uma representação que é construída cotidianamente pelos ocupantes.

A imagem urbana, não apenas visual, mas, sobretudo, polissensorial, é uma representação construída cotidianamente pelos moradores, a partir da informação inferida da vivência de variáveis contextuais consideradas como elementos de informação urbana [...]. Estas variáveis são fontes de informação, moldam comportamentos, ações, valores, usos, hábitos, crenças e expectativas,

ou seja, são fatores de uma percepção urbana que se sabe situada, localizada, sem querer insinuar, com isto, qualquer perspectiva determinista ou positivista no processo de percepção ambiental urbana (FERRARA, 1999, p. 71-72).

Pallasmaa (2011) explica que as experiências culturais e sociais vão além das experiências visuais traduzíveis em linguagem verbal ou em uma sequência de imagens, elas são experiências organizadas e articuladas pela multissenso-rialidade proporcionada pelo corpo humano.

Para o 7º encontro, organizou-se uma roda de conversa junto a alguns pesquisadores do campo do Patrimônio Cultural do IAU-USP sobre estratégias para ativação de memórias das pessoas utilizando diversas formas de representação, como: desenhos, cartões postais, fotografias, redes sociais etc. Foi um momento muito importante de coletivização tanto das estratégias, quanto das próprias pesquisas que são desenvolvidas na instituição no campo do Patrimônio Cultural.

Finalizando a Etapa 2, no 8º encontro – em que os alunos também fizeram a entrega da Atividade 02 – foi desenvolvida uma aula com foco no Inventário Participativo como dispositivo de representação do Patrimônio Cultural, como instrumento de organização, sistematização e comunicação de informações. Construiu-se o entendimento com os alunos de que o Patrimônio Cultural como representação social e cultural, também é um processo de comunicação, transmissão e atualização, sendo importante a afirmação e a expressão da identidade e a recriação de valores e significados sociais e culturais. E que, na atualidade, as tecnologias de informação e comunicação consistem em reservas de informação, uma arena central na construção da inteligibilidade do mundo. Sendo assim, foi proposto o Trabalho Final da disciplina aos alunos: o “Inventário Participativo” publicado na rede social Instagram.

O Instagram é uma rede social online de compartilhamento de recursos audiovisuais e que pode ser baixado e utilizado via softwares livres (os sistemas operacionais de aparelhos celulares). Faz sentido utilizar o aparelho celular porque:

[O]s aparelhos contêm programas que se opõem à tendência universal rumo à entropia. Isto acontece porque os aparelhos são produtos humanos e o homem é ente engajado contra a estúpida tendência do universo a desinformar-se. O homem é ente que, desde que estendeu a sua mão contra o mundo, procura preservar as informações herdadas e adquiridas, e ainda criar informações novas. Esta é a sua resposta à ‘morte térmica’, ou, mais exatamente, à morte. ‘Informar!’ é a resposta que o homem lança contra a morte. Pois é de tal busca da imortalidade que nasceram, entre outras coisas, os aparelhos produtores de imagens. O propósito dos aparelhos é o de criar, preservar e transmitir informações. Nesse sentido, as imagens técnicas são represas de informação à serviço da nossa imortalidade (FLUSSER, 2008, p. 26).

Dodebei (2006, p. 01) defende que preservar o Patrimônio Cultural transformá-lo em objeto informacional, e que, “representá-lo digitalmente garante sua proteção contra o perigo da perda, assim como garante sua autenticidade, sem negar sua condição de circunstancialidade processual”. Porque o meio digital favorece o entendimento do bem cultural como objeto informacional em constante desenvolvimento.

Ainda, a utilização das redes sociais permite a incorporação de produções audiovisuais, o que possibilita, também, uma afirmação identitária ao “incluir a imersão no mundo da cultura visual como estratégia de produção compartilhada do conhecimento”, de forma a expandir as oportunidades de informação sobre os processos sociais e culturais e os grupos produtores e detentores das práticas culturais (MARTINS *et al.*, 2013).

Procura-se, assim, a construção de uma identidade visual, sua afirmação e representações, afirmando-a na esfera pública contemporânea, através da recuperação da sua memória e da sua propagação estética e das novas mídias da sociedade em rede, incidindo indubitavelmente sobre o processo de construção estética da identidade cultural (MARTINS *et al.*, 2013, p. 33).

No mesmo sentido, considerando que o real é inatingível porque ele sempre chega sob alguma forma de narrativa – verbal ou visual –, a produção audiovisual origina um documento que se constitui numa forma de representação verbal e visual. O recurso audiovisual, portanto, é uma “possibilidade narrativa a serviço de determinado discurso” (MACIEL, 2016, p. 85).

A reprodutibilidade é fundamental à permanência de uma memória. E a tecnologia sempre contribuiu para a fixação material de momentos importantes da ação social: da pintura rupestre até a imprensa, o disco e o cinema; e, atualmente, pelas mídias.

A web vista como espaço mítico da memória social cria um fértil terreno de pesquisas sobre o comportamento e as propriedades dos meios de produção do conhecimento, quer sejam eles de natureza história, artística ou técnica [...]. Blogs e portais de depoimentos [...] oferecem essa oportunidade de registrar as memórias individuais, de transformar o privado em público, de autorizar a reformatação das memórias, e acima de tudo, de dividir a autoria. O coletivo parece ser atributo principal que faz da web um grande centro virtual da memória do mundo (DODEBEI, 2006, p. 05).

Se na Atividade 02 os alunos fizeram a organização das informações utilizando a linguagem verbal, bem como a coleta de informações complementares via pesquisa e levantamento de fotografias dos seus acervos pessoais, o Trabalho Final consistiu no planejamento de como comunicar as informações organizadas na Atividade 02 – como interpretar essas informações. Esse planejamento foi fundamental, uma vez que a forma de comunicação, utilizando múltiplas linguagens – desenho (analógico ou digital), colagem, fotografia, audiovisual etc. – potencializada pelas possibilidades da rede social, constitui a forma de representação das referências culturais identificadas pelos grupos. Vale ressaltar que os grupos tiveram total autonomia para selecionar e interpretar as informações para a construção do Inventário e para definir quais as linguagens utilizadas.

Etapas 3 – Organização e sistematização do conhecimento construído e finalização do processo

No 9º e no 10º encontro os docentes realizaram o atendimento aos grupos para o desenvolvimento do Trabalho Final. Este foi apresentado e coletivizado pelos alunos no 11º encontro – o penúltimo. Foi um momento de muita interação, pois os alunos, a todo instante, se reconheciam como detentores

das referências culturais apresentadas pelos grupos. Também foi um momento de ativação de memórias, uma vez que, em decorrência da pandemia, os alunos não puderam realizar as práticas culturais que foram representadas e inventariadas nos anos de 2020 e 2021 – ressaltando que, em novembro, já era o 20º mês em que as aulas continuavam remotas.

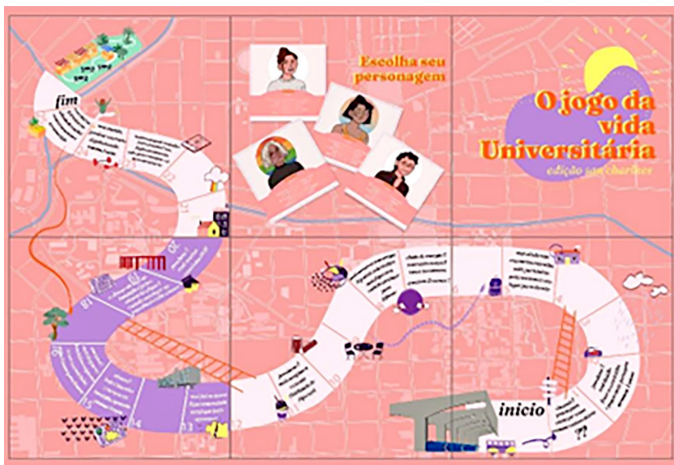
O encerramento da disciplina se deu no 12º encontro. Os alunos foram convidados a falar sobre o que acharam do processo, a fazerem observações sobre os trabalhos. Por fim, foram submetidos a uma entrevista estruturada com perguntas abertas via formulário Google. A publicação no Instagram com os Trabalhos Finais, que consistem no Inventário Participativo, deu-se em fevereiro de 2022.

A publicação no Instagram (@inventario.usp.sc)

O Grupo 01, que trabalhou na categoria Lugar, abrangeu alguns lugares importantes para a vida universitária no município de São Carlos, dentre eles a rodoviária, o Japa Açaí, o restaurante universitário e o Parque do Kartódromo. O grupo, utilizando-se de linguagem escrita e de desenho digital, apropriou-se do conhecido *Jogo da Vida*⁴: o grupo associou os lugares às fases da graduação e ao período do semestre, à rotina da vida universitária. A rodoviária como o início da vida universitária, o local onde se desembarca em São Carlos (não só no início da graduação, mas semanalmente no caso dos alunos de outros municípios); o Japa Açaí como ponto de encontro dos alunos para descontração, para aliviar a tensão depois da aula; o restaurante universitário, ponto de encontro de todos os alunos da USP, que, mais do que local das refeições, é local de conversar com os amigos nas filas, ficar a par do que está acontecendo no campus, das festas etc.; e o Parque do Kartódromo, onde ocorre uma feira aos finais de semana, e os alunos que ficam em São Carlos vão para fazer compras ou comer alguma coisa com os amigos (Fig. 3).

4 Jogo de tabuleiro produzido pela Estrela, em que os jogadores passam pela simulação de diversas situações cotidianas relacionadas à família, trabalho etc. e, a todo o momento, são obrigados a tomar decisões e sofrer com as consequências delas.

Figura 3 – Diagramação para o Instagram do trabalho do Grupo 01.



Fonte: FARACO, 2022.

O Grupo 02 trabalhou na categoria Celebrações, na qual foram abordadas diversas festas e celebrações que fazem parte da vida universitária. O grupo, utilizando-se das linguagens escrita, desenho digital, audiovisual, e também apropriando-se da linguagem do jogo eletrônico, apresentou a TUSCA em destaque, com toda a preparação para participar das festas – iniciando com o tipo de roupa e calçado adequado –; o que ocorre durante as festas – que são os jogos de diversas modalidades esportivas, as festas (pré-corso, curso, tendas, festas noturnas – que são as que os artistas famosos se apresentam –, TUSCA zone) e o que se consome nelas (bebidas e comidas); as tradições da festa – como o deslocamento dos grupos por ônibus, grandes filas para entrar, para pegar bebida e comida, sujar-se na lama (uma vez que as festas ocorrem em locais com chão de terra batida); e as lembranças da festa – canecas, coletes, registros audiovisuais etc. – que acabam por serem disparadores da expectativa pelo evento do próximo ano (Fig. 4).

O Grupo 03 trabalhou na categoria Saber, na qual foi abordada a prática das escritas e desenhos nas paredes do IAU. O grupo, de forma bastante sensível,

conseguiu compreender as especificidades e as qualidades de cada registro nas paredes de cada lugar no IAU, relacionando-os às fases da graduação em que eles foram produzidos. O grupo identificou que a prática teve início por volta de 2014, e que pelo fato de os ateliês do IAU serem onde os alunos passam mais tempo, para assistirem as aulas e para fazerem os trabalhos, a maior parte dos registros estão nas paredes deles ou próximas a eles. Os registros nas paredes – por desenhos ou por escrita – abarcam as vivências compartilhadas no cotidiano, são manifestações espontâneas que desencadeiam uma sucessão de referências formando uma rede de representação desse cotidiano. Eles também funcionam como uma comunicação entre os alunos em tempos paralelos, uma vez que os registros do ateliê do 1º ano da graduação, realizados por uma turma, serão vistos pela turma seguinte no próximo ano, e assim sucessivamente. Para isso, utilizaram-se das linguagens escrita, desenho digital, fotografia e colagem digital (Fig. 5).

Figuras 4 e 5 – Post do trabalho do Grupo 02 e diagramação para o Instagram do trabalho do Grupo 03.



Fonte: FARACO, 2022.

O Grupo 04 trabalhou na categoria Forma de expressão, na qual foi abordado o caderno de desenho produzido na graduação em Arquitetura e Urbanismo. O grupo interpretou que o caderno se torna uma coleção pessoal de cada aluno sobre as percepções, inferências e representações das atividades rea-

lizadas e para as quais ele é suporte, que são as viagens acadêmicas. Ele é, portanto, uma evidência desse processo de desenvolvimento da linguagem do desenho, observação e percepção da paisagem urbana. O grupo registrou o processo de construção do caderno, desde o corte das folhas, a costura, e como desenhar no caderno – contemplando os gestos, materiais e práticas envolvidas no ato de desenhar no caderno. Para isso, utilizou as linguagens escrita, desenho à mão, desenho digital, fotografias, colagens e audiovisual (Fig. 6).

Já o Grupo 05 trabalhou na categoria Lugar, contemplando especificamente o espaço do IAU. O grupo, utilizando a linguagem dos *memes* da internet – que são imagens relacionadas ao humor –, com desenhos digitais, fotografias e colagens, detalhou todas as práticas, habilidades, costumes e valores dos alunos de graduação do IAU. Como, por exemplo, utilizando *memes starter pack*, o grupo caracterizou momentos importantes dos alunos de graduação do IAU: recepção dos calouros, o ARRAIAU (festa junina dos alunos), as viagens didáticas, o final de semestre (em que eles têm que produzir muitos trabalhos – desenhos arquitetônicos, maquetes físicas e digitais, pranchas de apresentação etc., tendo que recorrer a diversos materiais e softwares). Também registraram situações cômicas do cotidiano (Fig. 7).

Figuras 6 e 7 – Diagramação para o Instagram do trabalho do Grupo 04 e post do Instagram do trabalho do Grupo 05.



Fonte: FARACO, 2022.

Considerações Finais

O desencadeamento do processo educativo se deu na Etapa 1, a partir da problematização, desnaturalização e reflexão do cotidiano dos alunos como universitários, mediadas pelos docentes. Foram mobilizados os conhecimentos, as experiências e as vivências que os alunos possuem: um lugar importante, um elemento da natureza representativo, uma celebração ou festa de que participam, uma forma de expressão ou comunicação que utilizam, uma manifestação social e/ou artística que praticam. Ou seja, foi estabelecido o universo temático dos alunos.

Esse desencadeamento pode ser considerado, sob uma perspectiva *freireana*, a possibilidade para a produção e construção do conhecimento dos alunos. O movimento realizado na Etapa 1 possibilitou que, na Etapa 2, fosse construído o entendimento do que é Patrimônio Cultural a partir da realidade vivida pelos universitários. Se Patrimônio Cultural refere-se ao que é portador de referência à ação, à memória, à identidade de um grupo, os conhecimentos, as experiências e as vivências, portanto, as referências culturais representadas por imagens e descrições na Atividade 01 constituem o Patrimônio Cultural do grupo participante da ação.

Nesse sentido, é preciso ressaltar a contribuição da estratégia de mobilizar múltiplas linguagens de representação, para além da linguagem verbal, no desenvolvimento da ação (desenho à mão, desenho digital, fotografia, colagem e outros recursos audiovisuais). Essa mobilização como estratégia foi imprescindível porque viabilizou que os alunos rompessem com a opacidade da vida cotidiana deles, oportunizando que se surpreendessem com o seu ambiente habitual.

Se conhecimento é criação, devendo sempre ser reformulado, ressemantizado, ressignificado, e se Patrimônio Cultural também é um processo de comunicação, transmissão e atualização de conhecimentos e ideias, a construção do Inventário

Participativo nas Etapas 2 e 3 do processo foi uma excelente ferramenta para isso. Os alunos recorreram às múltiplas linguagens para reformular, ressemantizar, ressignificar o conhecimento construído ao longo do processo educativo, e o Inventário Participativo constitui na forma que os alunos escolheram representar o seu Patrimônio Cultural a fim de comunicá-lo, transmiti-lo e atualizá-lo. Isso significa que a partir da elaboração do Inventário Participativo os alunos conseguiram teorizar o conhecimento construído ao longo do processo educativo de sua própria realidade e do mundo em que vivem.

O Patrimônio Cultural deve ser apreendido como um valor agregado de informações sobre o objeto. Por isso, a ação também abarcou o desafio de compreender e incorporar as possibilidades das tecnologias de informação e comunicação, uma vez que elas têm se constituído em uma arena central da inteligibilidade do mundo. A ação de Educação Patrimonial, ao propor a construção de um Inventário Participativo digital assegurou aos educandos a apropriação crítica e criativa das tecnologias, porque garantiu-se aos alunos que essas tecnologias fossem utilizadas para o seu enriquecimento cultural, reforçando, no âmbito da cultura digital, a forma que são e estão no mundo, ao coletivizarem as suas experiências e vivências como universitários da USP São Carlos. Ou seja, os alunos utilizaram as tecnologias como ferramentas de criação cultural, de forma que eles puderam participar da cultura digital na condição de autores e de produtores.

A utilização do Instagram, como mídia social para publicação do Inventário Participativo, vai ao encontro do propósito dos aparelhos de tecnologia e comunicação de criar, preservar e transmitir informações. Vai ao encontro também da importância da representação digital como garantia de preservação da informação, da autenticidade e da circunstancialidade.

Nesse sentido, é imprescindível ressaltar a importância da utilização de linguagens não verbais como estratégia. Porque assim como os grupos realizaram escolhas para representar visualmente parte do seu contexto cultural,

quem “lê” as imagens realiza conexões entre a representação e o seu próprio contexto cultural e a visão de mundo, aquilo que foi aprendido e apreendido ao longo de sua vida e junto de sua comunidade. E o trabalho com linguagem não verbal, no contexto da cultura digital, produzido para uma mídia é coerente porque o alcance das mídias é global.

A linguagem não verbal transcende as barreiras dos idiomas e do analfabetismo, o que reforça o posicionamento dos alunos perante o mundo. Ela estimula a cognição e a percepção de relações entre as culturas, o que pode vir a contribuir para que universitários de outras instituições e lugares possam se reconhecer no contexto cultural dos universitários da USP São Carlos. O Inventário Participativo no Instagram, portanto, é uma forma de se conhecer a universidade para além de uma instituição de ensino, mas também como um lugar em que ocorrem complexas e importantes práticas culturais.

Vale ainda dizer que a ação se qualifica por não ser nem temporária e nem estrangeira, porque os alunos participantes não foram expostos a situações de constrangimento pelo contato direto com alguém estranho, uma vez que os proponentes da ação também pertencem à instituição. Ao mesmo tempo, a ação se faz permanente porque a própria instituição – representada pelos proponentes – pôde compreender as referências culturais identificadas pelos universitários. Nesse sentido, também é importante ressaltar o quanto foi fundamental a ação estar articulada a uma disciplina oferecida formalmente: isso contribuiu não somente para uma avaliação do processo educativo a partir de observação sistemática, mas também para o próprio planejamento da ação, pela qual foi possível identificar, interpretar e representar o Patrimônio Cultural Universitário da USP São Carlos. Notadamente, o patrimônio do cotidiano, sujeito às demandas das dinâmicas sociais nas quais está inserido no tempo presente.

Assim, a rodoviária, o Japa Açaí, o restaurante universitário e o Parque do Kartódromo constituem lugares onde são operacionalizadas práticas de extrema importância no cotidiano universitário; a TUSCA é a principal celebração uni-

versitária no município, momento de confraternização, de diversão, de flertes, de conhecer novas pessoas; a prática da escrita e dos desenhos nas paredes do IAU constitui o saber dos alunos; o caderno de desenho dos alunos de Arquitetura e Urbanismo é uma forma de expressão, pela os alunos registram suas observações e percepções; e o IAU, mais do que o espaço onde eles cursam a graduação, é um local de convívio intenso dos alunos, cultivando-se práticas, costumes e momentos únicos de quem cursa a graduação no Instituto.

É preciso pensar no não esquecimento da ação, no sentido, inclusive, que o Inventário seja uma construção permanente. Isso aponta para um desdobramento da ação que extrapola os limites iniciais dos proponentes: a possibilidade de que haja uma ação realizada periodicamente com os alunos, a fim de não só atualizar ou evidenciar outras perspectivas sobre o Patrimônio Cultural universitário, mas também identificar outros patrimônios universitários. Ou seja, a realização periódica de ações de Educação Patrimonial pode-se constituir em um instrumento institucional de preservação e gestão da memória e do Patrimônio Cultural universitários na USP São Carlos.

Por fim, para além do contexto em que a ação ocorreu, no interior de uma disciplina de graduação, a experiência aqui apresentada pode ser afirmada como uma possibilidade tanto para a identificação do patrimônio do cotidiano em outros contextos e situações; quanto para o tratamento das referências culturais dos sujeitos envolvidos e suas formas de representação; de modo a reforçar as relações de pertencimento, a construção de identidades individuais e coletivas e a preservação da memória.

Referências

ARANTES, Antonio Augusto. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil. In: BARRIO, Ángel Espina; MOTTA, Antonio; GOMES, Mário Hélio (org.). *Inovação Cultural, Patrimônio e Educação*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2009. p. 52-63.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 179-212.

CAFFÉ, Carla. *Av. Paulista*. São Paulo: Cosac Naify; Edições SESC SP, 2009.

COM JOGOS e shows, 40ª Tusca deve atrair 30 mil pessoas por dia e movimentar R\$ 20 milhões. *Portal G1 São Carlos e Araraquara*, São Carlos e Araraquara, 11 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/11/11/com-jogos-e-shows-40o-tusca-deve-atrair-30-mil-pessoas-por-dia-e-movimentar-r-20-milhoes.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2022.

CPC. *Carta do patrimônio cultural da Universidade de São Paulo*. São Paulo: CPC – Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo, s.d. Disponível em: <https://cpc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/patrimonio-da-usp/artigos-da-carta-patrimonial/>. Acesso em: 25 jun. 2022.

DEMARCHI, João Lorandi. *Referências culturais da escola, na escola: contribuições do Projeto Interação para a educação patrimonial*. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. p. 83, 127, 128, 129 e 131. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-13082020-132634/pt-br.php>. Acesso em: 09 nov. 2020.

DIRETÓRIO Central dos Estudantes da USP. DCE Livre Alexandre Vannucchi Leme. *Relatório da pesquisa sobre o retorno presencial na USP*. 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1_WcDt6pOR2U7B2JEJubgdCtkFVXrcP-B/view?fbclid=IwAR15xfJLA20h8afdoWmzTXMJ8KdvDJQFMdmQ9Ttv11-PWK311IAvxOo0LWtk. Acesso em: 15 fev. 2022.

DODEBEI, Vera. Patrimônio e Memória Digital. *Revista Morpheus*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p. 05, 2006. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4759>. Acesso em: 11 maio 2020.

ESTUDANTES da USP e da UFSCar movimentam R\$ 20 milhões por mês em São Carlos, diz Acisc. *Portal G1 São Carlos e Araraquara*, São Carlos e Araraquara, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/03/10/estudantes-da-usp-e-da-ufscar-movimentam-r-20-milhoes-por-mes-em-sao-carlos-diz-acisc.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2022.

FARACO, André Frota Contreras. *Educação Patrimonial: processo participativo de identificação de referências culturais dos universitários do campus USP São Carlos*. 2022. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2022. doi:10.11606/D.102.2022.tde-19082022-113813. Acesso em: 10 set. 2022.

FARACO, André Frota Contreras; VIZIOLI, André Frota Contreras. *inventario.usp.sc*. 2022. Tema: Inventário Participativo de referências culturais dos universitários da USP São Carlos. Disponível em: <https://www.instagram.com/inventario.usp.sc/>. Acesso em: 23 set. 2022.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997. p. 7 e 35-36.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Olhar periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental*. São Paulo: Editora da USP. 2. ed. 1999. p. 21 e 71-72.

FLORENCIO, Sônia Rampim. Política de educação patrimonial no Iphan: diretrizes conceituais e ações estratégicas. *Revista CPC*, [S. l.], v. 14, n. 27 esp., p. 55-89, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/159666>. Acesso em: 17 jan. 2022.

FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 15, 26.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências Culturais: Base para novas políticas de patrimônio. *Políticas Sociais: acompanhamento e análise*, Brasília; Rio de Janeiro, n. 2, 2001, p. 111-120. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4175/1/bps_02_completo.pdfhttp://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4175/1/bps_02_completo.pdf. Acesso em: 03 nov. 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. ed. 71. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 116.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e Cotidiano: os patrimônios culturais como gêneros de discurso. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 108-123.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de: Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 423-484. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4594598/mod_resource/content/1/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.

LONDRES, Cecília. Referências Culturais: Base Para Novas Políticas de Patrimônio. In: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Inventário Nacional de Referências Culturais: Manual de Aplicação*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000. p. 11-21.

MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim. Memórias colecionáveis: Testemunhos audiovisuais com doadores do Museu Paulista (USP). In: MAUAD, Ana Maria (org.). *História oral e mídia: Memórias em movimento*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 71-92.

MARTINS, Alice Fátima; TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz; VIANNA, Leticia Costa Rodrigues. O audiovisual e as políticas de salvaguarda e de proteção da cultura popular. *Políticas Culturais em Revista*, v. 6, n. 2, p. 28-39, 2013. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/9899>. Acesso em: 11 maio 2020.

MASSIRONI, Manfredo. *Ver pelo desenho: aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos*. Tradução de: Cidália de Brito. Lisboa: Edições 70, 1982.

NITO, Mariana Kimie da Silva *et al.* Desenho em camadas como abordagem de Inventário Participativo: as ações educativas em Nova Olinda (CE) e Santa Bárbara d'Oeste (SP). *Sillogés*, v. 5, n. 1, p. 390-414, 2022. Disponível em: <http://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/189>. Acesso em: 03 ago. 2022.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos. O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação. *Antíteses*, Londrina, v. 7, p. 45-67, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/19969/15603>. Acesso em: 06 ago. 2019.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Tradução de: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PORTAL USP-SÃO CARLOS. *Portal USP-São Carlos*, 2022. História e números. Disponível em: <http://www.saocarlos.usp.br/creditos/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SÃO CARLOS. *Prefeitura Municipal de São Carlos*, 2022. História de São Carlos. Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/historia-da-cidade/115269-historia-de-sao-carlos.html>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SCIFONI, Simone. Interpretar qual patrimônio? A experiência do Inventário Participativo do Minhocão, São Paulo. In: SIMPÓSIO CIENTÍFICO 2019 DO ICOMOS/BRASIL - Autenticidade em risco, 3., Belo Horizonte, 2019. *Anais [...]*. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnbpcjpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Feven3.blob.core.windows.net%2Fprocessos%2F3e2cd59ec4a14aceba6e.pdf&clen=329119>. Acesso em: 01 abr. 2022.

SMITH, Laurajane. El “espejo patrimonial”. ¿Ilusión narcisista o reflexiones múltiples?. *Antípoda, Revista de Antropología y Arqueología*, Bogotá, n. 12, p. 39-63, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/abs/10.7440/antipoda12.2011.04>. Acesso em: 22 fev. 2022.

UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos. *Universidade Federal de São Carlos*, 2022. Campus São Carlos. Disponível em: <https://www.ufscar.br/ufscar/campus-sao-carlos>. Acesso em: 15 fev. 2022.

UNIVERSITÁRIOS aquecem a economia de São Carlos. *Portal G1 São Carlos e Araraquara*, São Carlos e Araraquara, 16 nov. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2018/11/16/universitarios-aquecem-a-economia-de-sao-carlos.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2022.

Recebido em: 08 de setembro de 2022
Aprovado em: 16 de outubro de 2023